

LEILA MICCOLIS

A DESCOBERTA DANDISTA FEMININA BRASILEIRA

Relatório de Pós-doutorado realizado na
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de
Ciências e Letras, Assis.

Supervisor(a): Prof^a. Dr^a Daniela Mantarro
Callipo

Assis
2024

RELATÓRIO DO ESTÁGIO PÓS-DOCTORAL

O presente relatório final apresenta as atividades desenvolvidas em nível de estágio pós- doutoral entre 1º de setembro de 2023 a 1º de outubro de 2024 (período de 12 meses)¹ e objetiva articular o viés dandista brasileiro à produção poética da Poesia Marginal dos anos 70 (que se tornou visível a partir da ditadura militar de 1964). Mesmo que tardiamente – com um distanciamento de diversas décadas –, a Poesia Marginal das mulheres encampou visivelmente a estética dandista (que se constituía na radicalização da tendência literária Decadentista), tanto no teor provocativo e reflexivo, como também no aprofundamento de temas-tabus, antes raramente encontrados em nossa literatura,

O motivo deste distanciamento do dandismo finissecular masculino do século XIX para ressurgimento de seu ideário praticamente setenta anos depois, dá-se pela própria desigualdade social de gêneros imposta pela sociedade patriarcal – é preciso que nos lembremos que as mulheres só se tornaram cidadãs, com direito a voto, a partir de 1930. Antes disso, rebelar-se era muito perigoso, quase um suicídio para elas (leia-se por exemplo, a trajetória da vida de Pagu, mais adiante, no projeto de pesquisa); era raro aparecimento de poetisas que usavam sua voz para contestar a repressão a que eram submetidas, e algumas, inclusive, escondiam-se atrás de pseudônimos, para não serem difamadas por uma sociedade ferozmente preconceituosa. Não é de se admirar, pois, o lapso de tempo relativamente grande entre o Dandismo deles para o Dandismo delas.

1. DESENVOLVIMENTO DO ESTÁGIO

ATIVIDADES REALIZADAS

O referente estágio foi realizado em doze meses e envolveu as seguintes etapas:

1. Participação em reuniões:

Durante esse período foram realizados diversos encontros entre a pesquisadora e a supervisora a fim de melhor aprimorar a proposta e aprofundar as discussões desse projeto.

2. Ministração de aulas:

Também foram realizadas atividades de docência junto ao Programa de Pós-Graduação envolvendo a temática do desenvolvimento da poesia nos anos setenta, as quais foram constituídas de debates acerca da participação feminina na produção poética nesse período.

3. Participação em eventos:

3.1 Apresentação de trabalhos

I: “A mudança de perspectiva da poesia social pelos poetas marginais da Geração 70, e a contribuição da escrita criativa para a crítica literária em tempos de modernidade líquida” (I CILEL – Colóquio Internac. de Literatura e Estudos da Linguagem – Literatura e linguagens: interfaces com os fenômenos culturais da contemporaneidade, 19-21 junho de 2024);

II: “A descoberta do dandismo poético feminino no Brasil”

(V ENAFDM – Encontro Nacional de Ficção, Discurso e Memória).

3.2. Coordenação de sessão temática

Mesa: “Estudos de Teoria da Poesia”

(V ENAFDM – Encontro Nacional de Ficção, Discurso e Memória).

DESENVOLVIMENTO

Projeto de pesquisa: A descoberta da poesia dandista feminina brasileira

Resumo do projeto

Em relação a outros movimentos literários, o Decadentismo brasileiro ainda é bem pouco estudado, infelizmente. Surgido no Brasil logo após a Proclamação da República, que não atendeu nem às expectativas nem aos anseios democráticos do povo, os escritores decadentistas questionavam o tipo de desenfreada modernização do país e a euforia progressista que se preocupava muito mais com a utilização das máquinas e da urbanização da cidade do que com as condições da vida humana.

Com sua revolta, seu afastamento do utilitarismo e das convenções burguesas, foi o Decadentismo e o Dandismo – com mais fúria ainda – transpiravam mal-estar e insatisfação por todos os poros. O ar que respiravam estava muito mais próximo da Revolta da Armada (1893), da rebelião de Canudos (1895-1897). e a Revolta da Vacina (1904) do que da imagem glamourosa e sofisticada que se queria construir da *Belle Époque* e do ufanismo progressista.

Os autores desta vertente denominavam-se Decadentistas por testemunharem a decadência social finissecular e, no caso do Brasil, demonstravam sua frustração com os próprios ideais democráticos. Participaram do grupo inicial: Cruz e Souza (jornalista militante em prol da causa abolicionista – seus pais eram escravos –, fundou o jornal *O Colombo*, dirigiu o periódico *O Moleque*), Emiliano Perneta (advogado e promotor público, republicano no Império, abolicionista na escravocracia), Gonzaga Duque (Luiz Gonzaga Duque Estrada, crítico de arte, romancista, contista, jornalista, cronista e historiador), e Lima Campos (César Câmara de Lima Campos, contista, jornalista, teatrólogo, redator de debates do Conselho Municipal do Rio de Janeiro). Neste primeiro momento, também incluiu Nestor Vitor, um dos principais críticos e defensores do Decadentismo, participante da Campanha Civilista de Rui Barbosa, em 1910, contra a manipulação eleitoral em favor do marechal Hermes da Fonseca. Portanto, um Decadentismo em nada decadente; ao contrário, “sinônimo de decadentismo à Verlaine; de satanismo à Baudelaire, à Huysmans; de nefelibatismo à Eugênio de Castro” (Salgado, 2007, p.80). Porém todos esses escritores citados no grupo inicial do Decadentismo brasileiro são conhecidos tão somente como escritores simbolistas.

A impressão que temos ao ler obras versando sobre estilística e periodização literária é de que, no Brasil, saltamos do realismo para o simbolismo, bruscamente. A reação vai da total negação – fala-se até em Neossimbolismo – à rapidíssima citação do Decadentismo enquanto fase inicial do Simbolismo (quando, como veremos adiante, não houve primeira fase do Simbolismo, pois as duas tendências possuem estéticas e perspectivas totalmente diferentes). Em uma posição intermediária, alguns autores de livros didáticos colocam um hífen entre ambos, Decadentismo-Simbolismo, atentando apenas para características e elementos aproximativos dos dois, proporcionando uma análise rasa/rasante de ambos.

Como era de se esperar, esta visão em bloco, em conjunto, trazendo o Decadentismo a reboque, só beneficia e valoriza o Simbolismo, considerando-o de maior importância, também por encontrarem nele configurações de “Escola literária”, o que absolutamente não acontecia com os Decadentistas (muito menos com os Dandistas), pois cada escritor expressar-se através de uma proposta estética singular e única, da qual muito se orgulhavam; embora o ideário fosse semelhante – observar a decadência social em que o mundo se afundava – cada autor protestava à sua maneira, sem que houvesse uma espécie de elo estilístico comum a todos. A singularidade era característica preponderante e, portanto, a diversidade quanto à literariedade também.

Simplista é, pois, a argumentação de que o Simbolismo (cujo manifesto foi assinado

por Cruz e Souza e Alphonsus de Guimaraens, em 1893), tornou-se bem mais conhecido, sendo por este motivo bem mais estudado – esta alegação, nada teórica, apenas mascara, maquia e camufla os reais motivos que levam o Decadentismo a quase nunca ser examinado atentamente. Na omissão em relação a ele está o que Bhabha (2007, p. 226) chama de “a sintaxe do esquecimento”, uma das sutis manipulações da estratégia discursiva do poder: teria cabimento em meio a epidemias, doenças e ruínas (inclusive morais) falar-se delas abertamente? Sem chance; portanto cancele-se o tal do Decadentismo junto com o outro vilão – o Dandismo = estes inimigos baderneiros, esses rebeldes “subversivos e transgressores”.

Eis o primeiro ponto de contato do Decadentismo com a Poesia Marginal da Geração 70 – o incômodo político que causou aos “donos do poder” nas áreas políticas e literárias. O segundo origina-se no fato de que nem o Decadentismo/Dandismo nem a Poesia Marginal dos anos 70 podem ser considerados Movimentos Literários por não terem coesão estética a ponto de constituírem-se em uma “Escola literária”, como o Simbolismo. Devido à sua impopularidade e a temáticas muitas vezes bastante agressivas, os poetas – principalmente Cruz e Souza – sentiram que logo sairiam de cena se continuassem no Decadentismo; porém, como simbolistas permaneceriam e seriam menos hostilizados (como realmente foram).

A prova de que a falta de registros documentais (como por exemplo: explicações de propósitos, declarações de princípios, justificativas de diretrizes) apresou também o fim do Decadentismo está em que o Simbolismo já entra em cena através de um Manifesto (em 1893), assinado por Cruz e Souza e Alphonsus Guimarães, sendo que o livro que dá início ao Simbolismo brasileiro é *Broquéis*, de Cruz e Souza (1893). Apenas a valorização do eu os aproxima do Decadentismo, porém os demais itens do Manifesto abertamente sinalizam a ruptura com o Decadentismo, tais como: oposição à realidade objetiva; transcendência, misticismo e espiritualidade; linguagem vaga, imprecisa e sugestiva; referência pelos sonetos; retomada de elementos românticos; valorização da simbologia, em oposição ao cientificismo; aproximação do universo do sonho – todos elementos rejeitados pelos poemas claros, objetivos e nem um pouco herméticos dos Dandistas/Decadentistas...

O terceiro elo de ligação entre o Decadentismo e a Poesia Marginal dos anos 70 reside nas diversas acepções que os vocábulos “Decadentismo” e “Marginal” possuem, dando margem a galhofas por parte dos seus detratores: os primeiros passaram a ser preconceituosamente chamados por seus opositores e desafetos de decadentes... e os poetas marginais... de marginais mesmo, ora! –menosprezados como escória (subversivos, delinquentes, malandros). Também Dandismo é vocábulo remete a dândis, que, na melhor

das hipóteses, se refere (infelizmente ainda) a pessoas estranhas, exóticas, excêntricas, diferentes das comuns: se vestiam diferentes, pensavam diferentes, e... escreviam diferentes. Ou seja: muito suspeitos, e o melhor, portanto, seria desconfiar deles, mantê-los à distância, ficar na defensiva, pois nunca se sabia o que seriam capazes de aprontar...

Para piorar a má-fama desta estética rebelde, se o Decadentismo já maculava, manchava e conspurcava a glamurosa imagem projetada pela Belle Époque, o Dandismo a feria mortalmente, porque ele era a tendência mais acirrada e aguerrida: seus escritores, prosadores e poetas, amavam polêmicas, temas de bas-fond (bordel, prostitutas), escarros, vermes, caveiras e até demos, incubos e súcubos. Também rejeitavam totalmente a Escola Realista-Naturalista que os precederam, daí substituírem o pretenso e ilusório “natural” pelo artificial flagrante (figuras artificiais e híbridas, como faunos e vampiros) e o *making off* de si próprios através da teatralização (“Poesia em cena”, como Fernando Pessoa definiu seus poemas) e da encenação do estranhamento. Cultuavam o eu, o avessismo (os paradoxos, que em sentido filosófico são afirmações que vão de encontro a sistemas ou pressupostos que se impuseram como incontestáveis ao pensamento), e um de seus maiores passatempos dos dandistas era flunar (observar pessoas, usos e costumes ao seu redor, durante essas caminhadas – como o jornalista João do Rio, autor do livro de crônicas “A alma encantada das ruas”); na época, tal hábito, espécie de “ócio criativo”, era tido como um inútil e frívolo “bater pernas” pelas ruas, sem finalidade específica, apenas por “distração”, coisa típica de desocupados...

Não há como juntar o Decadentismo, ao Simbolismo com um hífen não só por ela não ser uma palavra composta, como também pelas propostas estéticas serem divergentes: as características simbolistas eram a subjetividade, o misticismo, a intuição, a musicalidade, a transcendência, o sonho, a volta ao romantismo; os dos decadentistas, o questionamento de uma política que privilegiava o progresso arquitetônico, em vez do humano, a polêmica enquanto instrumento de reflexão e de revisão de valores morais e éticos. *“Como atitude filosófica, o dandismo constitui-se numa forma de rebeldia, com seu repertório próprio de valores, em oposição ao sistema moral da consciência burguesa”* (Mucci, apud Barros, 2003 p.61).

Ao mesmo tempo em que os dandistas propõem-se a mudar o mundo decadente (de uma realidade fria, automatizada e massificadora), eles usam a mágica da fantasia, e das emoções para promoverem uma verdadeira revolução de costumes e de mentalidade e denunciara decadência dos valores de uma sociedade cada vez mais automatizada. Eliminar o

Decadentismo é cancelar automaticamente a parte mais inconveniente dele: o Dandismo; e a partir daí persistir na prática de erros crassos, como o de enquadrar Augusto dos Anjos como um poeta “pré-modernista” com influências simbolistas (um verdadeiro saco de gatos...). As temáticas heréticas, tabus e escabrosas dos dandistas jamais poderiam emergir na poética simbolista. A inegável verdade é que poetas dandistas perturbaram com tal intensidade o senso comum com suas abordagens críticas e seu tipo de fala direta, sem floreios nem rodeios, que o livro “Eu”, de Augusto dos Anjos, ao ser publicado, foi inicialmente massacrado pela crítica. Abduzir (mesmo que parcialmente) o Dandismo do panorama da poesia brasileira, na belle époque é quase igual a enterrar a Poesia Marginal junto com o término da ditadura militar.

Há muitos mais pontos em comum entre o Dandismo e a Poesia Marginal da Geração 70, entre eles a fala sexualizada que apoia Dionísio e todos os prazeres (de novo lembremos do movimento de Pessoa – o Sensacionismo), tematizando prazeres pecaminosos, luxúria, orgias e taras consideradas obscenas, incluindo nesta lista avessista, o horror à mulher submissa e acomodada à escravidão do lar, ao mesmo tempo que exultava as mulheres fatais, messalinas e lésbicas – Salomé é uma das grandes musas cultuadas pelos poetas dandistas brasileiros – donas dos seus próprios corpos, escolhas, e destino.

Os poetas dandistas podem ser considerados como os poetas marginais/malditos da *belle époque* brasileira, com suas posturas radicais, seus paradoxos, suas *mise-en-scènes*, suas teatralidades e seus paraísos artificiais (drogas que a sociedade da época condescendente tolerava por ver nelas um “vício elegante”). Encarando o mundo artificialmente, como em um gigantesco *theatrum mundi* (a máscara dentro da máscara), os dandistas achavam mais reais faunos e vampiros do que o ser humano, repleto de fantasias, ficções e ilusões. Porém, com todo essa mentalidade criativa criaram em torno de si a fama de negativos, loucos, e antissociais, o que não lhes importava em nada. Muito pelo contrário, os dandistas tinham grande orgulho em serem excêntricos, extravagantes, afetados, diferentes e impopulares. Vemos isto claramente no poema DANDISMO de António Botto:

Na última carta
Chamavas-me decadente; E
eu achei graça,
Fez-me rir A tua carta.

Quiseste insultar-me
E afinal,
Conseguiste ser gentil.

(BOTTO, 1975, p.144)

Viajando rapidamente pelo Dandismo em outros países, vale citar alguns poetas e escritores dandistas que, de alguma forma, influenciaram nossos autores brasileiros, naquela época tinham sempre um pé no Brasil e outro na Europa (pelo menos, a maioria deles): Joris-Karl Huysmans (autor do famoso *À Rebours*, traduzido como “Às avessas” ou “À Contrapelo”), Mallarmé, Baudelaire e Verlaine (na França), Oscar Wilde e Walter Pater (Inglaterra); Gabriele d'Annunzio (Itália); António Botto, Mário de Sá-Carneiro: (que suicidou-se de forma teatral, como também Ana Cristina Cesar, no Brasil), Eugenio de Castro e Fernando Pessoa (abertamente, através de seu heterônimo Álvaro de Campos); Juan Ramón Jiménez (na Espanha); Amado Nervo (no México); na América Latina: César Vallejo (Peru). Rúben Darío (Nicarágua). Eis alguns nomes apenas, há muitos, muitos e muitos mais.

Bastante interessante é o verbete referente ao Decadentismo, no E-Dicionário de Termos Literários, organizado pelo eminente professor e escritor português Carlos Ceiam assinado por José António Costa Ideia. Nele, lê-se:

“[...] No nosso país [Portugal], Antero de Quental (1842-1891), por seu turno, analisa, no âmbito de uma série de conferências no Casino Lisboense, a 27 de Maio de 1871, as causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos (*Prosas*, vol. II, Coimbra, 1926), dando voz à ibérica ambiência agónica, numa reflexão sobre a problemática do declínio pátrio, peculiar tratamento tópico da decadência nacional, tão agudizado pela geração de 70” (grifo nosso). (Ideias. 2009).

Neste trecho, Ideias refere-se à literatura portuguesa, porém parece estar falando da nossa poética decadentista/dandista, pois foi exatamente o que aconteceu com a poesia brasileira da nossa Geração 70, que também testemunhou a decadência sociocultural dos “anos de chumbo”. registrando-a não por intermédio de um confronto direto com a política ditatorial, mas dentro do âmbito da microfísica do poder, como denominou Foucault, que, ampliada do cotidiano e projetada para a macroestrutura, criava o que se viu à época; o auge do despotismo começava na prática repleta do que Pierre Bourdieu intitulou de “violência simbólica” – preconceitos, autoritarismos, conivências, omissões, manipulações, repressões, pseudomoralismos, injustiças, discriminações, demagogismos, paternalismos, omissões, falsidades, discursos hipócritas, etc. etc. etc.

Pelo que afirmei anteriormente, já se sabe que a Poesia Marginal, entre todas as tendências da Poesia dos anos 70, era a mais radical, tanto nas abordagens temáticas como na própria literariedade – um lirismo nada romântico, uma linguagem nada amena em seus protestos, propósitos e questionamentos; no entanto, eram insidiosos os recursos com que era expressa esta combatividade. E a estética mais polêmica dentro da Poesia Marginal foi a

vertente da “poesia desbundada”, na qual observa-se de forma explícita e abertamente acintosa, elementos da festa popular transportados (pelo conceito bakhtiniano da carnavalização) para a linguagem transgressora e contraditória literária,

[...] que se opõe ao sério, ao , ao monológico, ao oficial gerado pelo medo, à discriminação da sociedade em classes, ao dogmático, ao hostil às mudanças e com tendência à absolutização do estado de existência das coisas e do sistema social (Bakhtin, *apud* Barros; Fiorin, 1999, p. 50).

A Arte do Desbunde foi muito mal compreendida enquanto emprego do recurso de apatia forçada, confundida que foi com alienação, descaso político, em um tempo de torturas e horrores. Daí o termo “desbundados” – aqui como sinônimo metafórico de alienados, de ofensa velada (nem tão velada assim) aos que “fugiam” por medo e covardia do confronto direto contra as arbitrariedades e atrocidades do regime militar. O irônico é que, dentro deste rótulo, fica patente o patrulhamento ideológico tradicional que defendia a integridade corporal na teoria, mas que na prática continuava nutrindo o estereótipo do corpo marginalizado (no caso, através da bunda, que também traz associações homoeróticas e referências indiretas, portanto, à luta que despontava, na época, dos grupos homossexuais. Frase minha que eu sempre repetia na época: a política que castra nossos corpos é a mesma que corta nossos textos. Porém para setores mais convencionais as políticas do corpo e do cotidiano sempre foram lutas secundárias, considerada menores.

Os críticos literários só começaram a entender melhor o conceito do sentido contido do cale-se”, do “cálice tinto de sangue”, quando Chico Buarque de Holanda, lançou o álbum “Meus caros Amigos”, em 1976, incluindo nele uma carta remetida por ele ao teatrólogo Augusto Boal, exilado em Portugal. Eis um trecho do “recado cantado”: “Aqui na terra estão jogando futebol / tem muito choro, muito samba e rock’n roll, / uns dias chove outros dias bate sol / Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui está feia”. Os “poetas desbundados” usavam este mesmo tipo de artifício, apenas não deixavam claras suas verdadeiras intenções, esperavam que os leitores entendessem-nas. Chico talvez fosse considerado desbundado também, nesta composição, se não tivesse optado por revelar abertamente o contraste da realidade com seu discurso “animadinho” e frívolo. Despeitadas e desbundados... Sempre o corpo agredido, desrespeitado, ofendido, rebaixado e humilhado, infelizmente até hoje.

Há outro aspecto do contexto bakhtiniano, talvez o mais importante, pelo menos o mais citado pelos defensores da poesia de resistência da época: a Poesia Marginal, por intermédio de suas vozes polifônicas intertextuais, fez com que emergisse o diálogo

suprimido do “discurso autoritário”,

aquele em que se abafam as vozes dos percursos em conflitos, em que se perde a ambiguidade das múltiplas posições, em que o discurso se cristaliza e se faz discurso da verdade única, absoluta, incontestável. Para reconstruir o diálogo desaparecido são, nesse caso, necessários outros textos que, externamente, recuperem a polêmica escondida. Os choques sociais, o confronto, a luta (BARROS, 1999, p.6).

Quando todos esses aspectos saltaram-me aos olhos pude constatar o quanto havia em comum com a Poesia Marginal escrita por mulheres na década de 70 e o Dandismo, e, perplexa, pensei em como não havia percebido esta articulação antes, tão evidente que ela era. Estava tudo ali: o avessismo; a originalidade de visões, muitas delas excêntricas; a indiferença em agradar o público (inclusive um certo gosto pela impopularidade); a ojeriza ao pseudomoralismo; a rebeldia contra a doxa e a exaltação do paradoxo; as temáticas transgressoras; o polimorfismo; o uso constante do efeito de estranhamento: o uso da ironia e do sarcasmo enquanto críticas ferinas; e, principalmente, as vozes polifônicas, que ocupavam os espaços dos entrelugares, contrapondo-se aos “discursos autoritários” e despóticos; a fala através de uma sexualidade politizada provocativa, questionando os modelos de comportamentos sociais, tendo a poesia feminina da época apontado corajosamente as desigualdades de sexo, os falsos elogios paternalistas, o “educar para a submissão” (título de um livro da Elena Belotti), a serviço do condicionamento feminino. Pela primeira vez no Brasil, o texto poético embrenhou pelo debate de questões paralelas relevantes, até então abordadas tão somente pela prosa, ou através de temáticas sociais gerais, sem abordagens específicas do universo feminino.

O tempo histórico (e, lógico, as circunstâncias sociopolíticas inerentes a eles) é o que separa essas duas estéticas literárias: enquanto o Decadentismo criticava a sociedade capitalista decadente (de forma exacerbada através dos seus escritores dândis), as mulheres dos anos 70 – efeito retardatário –, combatiam com a mesma belicosidade a repressão e seu séquito de ignomínias, em diversos setores e áreas da sociedade. E se digo que até hoje ela, a Poesia Marginal, continua viva e atuante é justamente porque o despotismo não foi erradicado das sociedades (mesmo as que se intitulam democráticas), porque a opressão, a prepotência e as arbitrariedades não se prendem apenas a regimes políticos, mas sim a violências simbólicas domésticas (Bourdieu), a cotidiana microfísica do poder (Bourdieu), ao controle e vigilância dos pan-ópticos líquidos cada vez mais camuflados e sofisticados em nossa era tecnológica da Modernidade Líquida (Bauman).

Eu me sentia como tendo “descoberto a pólvora” – e aqui não me refiro à expressão idiomática antiga semelhante ao Eureka!, de Arquimedes; mas ao material realmente explosivo que eu tinha em mãos... E tudo começara em 2009 quando, concomitantemente ao meu Doutorado na UFRJ, participei de dois Grupos de Pesquisa veiculados ao CNPq “*Ressonâncias do Decadentismo na Belle Époque Brasileira*” e “*Estéticas de fim-de-século*”, sob a liderança do Prof. Dr. Luiz Edmundo Bouças Coutinho; certa vez saí de um deles frustradíssima e pensativa por não ter sido citada nenhuma poetisa dentro do nosso Dandismo. Não havia? E ele me respondeu que não. Pensei, entre frustrada e animada que eu as procuraria. Portanto, missão cumprida...

Porém, não totalmente. A primeira parte era esta. No entanto, faltava todo o resto: o embasamento, o suporte teórico para a fundamentação da minha argumentação, e foi aí que eu me deparei com um terreno virgem, totalmente inexplorado. Nesta fase, senti-me uma verdadeira desbravadora, uma espécie de Indiana Jones feminina, antropóloga em árduo (mas prazeroso) trabalho de campo... literário. Três anos após aquele inconformismo perplexo que gerou minha pergunta inicial, apresentei meu projeto final, um ensaio crítico de 283 páginas, intitulado: “*A poética dandista das mulheres da década de 1970 na construção social da igualdade de gênero*”, sob a supervisão do grande mestre de Literatura Comparada no Brasil, o Prof. Dr. Eduardo Coutinho.

Neste meu ensaio crítico, incluí texto de quatro poetas: António Botto, Álvaro de Campos (portugueses), Augusto dos Anjos e Cruz e Souza (brasileiros); e quatro poetisas brasileiras: Alice Ruiz, Ana Cristina Cesar, Leila Miccolis e Xênia Antunes. Antes de me incluir, perguntei ao meu supervisor se esse procedimento poderia parecer cabotinismo. e ele respondeu que uma abordagem tão pioneira ficaria incompleta se eu não registrasse minha presença, pioneira também.

Com o passar do tempo, no entanto, percebi que o gigantismo do projeto e também as dificuldades que enfrentei para embasá-lo suficientemente a ponto dele não parecer uma teoria descabida (partindo do zero e sem referências bibliográficas, a princípio, para respaldar minha teoria, precisei de bastante páginas na explicação deste paralelismo essencial à demonstração de minha tese). Este encaminhamento um tanto longo prejudicou um pouco a parte referente à poesia de mulheres, na primeira versão do ensaio original. Incomodou-me esta constatação; afinal, elas eram a joia rara da minha pesquisa; e foi este desconforto que me trouxe a este segundo doutorado, agora aqui na UNESP de Assis, em que amplo, através de um recorte do recorte, a parte que poderia ter sido bem mais expandida, mas que à época

não fora.

Paradoxalmente portanto, este recorte do recorte não tem a finalidade de reduzir ou sintetizar o que já foi abordado, mas de ampliar ainda mais a parte o que precisa destacar-se como elemento principal do meu achado teórico: a revelação das poetisas dandistas brasileiras; e quanto mais me enveredo por esta trilha, mais observo que mesmo sem conhecermos na época os pensadores e filósofos lidos posteriormente, os em nossos poemas, principalmente Derrida, Bourdieu, Bakhtin, Foucault, Bauman, Ítalo Calvino, Bhabha, Rosenfeld e Benjamin.

Todos estiveram em nossa literatura, no ato de “escovar a História à contrapelo”, segundo Walter Benjamin (1994, p. 225), de apresentar a versão das vozes marginalizadas e amordaçadas, de combater o “discurso autoritário” mencionado por Bakhtin (discurso este que não tem prazo de validade nem limite de tempo), enfim: de remar ontem e hoje contra a maré. Esta pesquisa, portanto, me oferece a oportunidade deter-me mais minuciosamente na parte referente a minha descoberta do Dandismo poético feminino na década de 1970, e de lançar novas luzes na importância de ambas as tendências literárias (Dandismo e Poesia Marginal) tão pouco estudadas ainda devido a inúmeros fatores, residindo, o mais visível – como já foi mencionado anteriormente –, estampado em suas denominações dúbias e insidiosas que aceitam acepções mal-intencionadas. Muitos pensam ainda que dândi é sinônimo de “gay esquisito/enrustido” ou mulheres extravagantes, assim como poetas marginais são quase sempre suspeitos de alguma coisa (desclassificados, gente perigosa); e decadentista, quem faz poesia decadente. É quase que um dever literário lutarmos para diluir esses preconceitos, a maior parte deles oriundos do desconhecimento do teor poético criado por escritores comprometidos em questionar importantes questões sociais. Duas tendências injustamente esquecidas – abduzi-las do nosso panorama literário, ignorá-las, é continuar esvaziando o conhecimento que temos da poesia brasileira a partir do término do Modernismo, impedindo a revisão das épocas historiográficas, tão embaralhadas desde o final do século XIX. Pode parecer questão de somemos, porém traria uma visão mais clara da evolução da nossa poesia até os dias atuais, e, com isso, uma compreensão melhor de sua contribuição ao momento presente.

Justamente com esta intenção, dentro de uma maior clareza das fases subsequentes ao Modernismo, e ainda a partir do contexto das expressões que usei (“descoberta da pólvora”, “material e teor explosivos”), acendo o pavio deste petardo e detono o estopim, ao desencadear a questão geracional literária, fundamentada no filósofo Ortega y Gasset

(espanhol) e no poeta e professor brasileiro Pedro Lyra, no momento em que ousar incluir um trio de poetisas no universo da estética dandista, mesmo as três tendo surgido antes da Poesia Marginal. O motivo é que, apesar delas terem vasta bagagem anterior à década de 1970 – repito –, elas mudaram totalmente sua estética poética a partir da Poesia Marginal. São mais conhecidas, inclusive, por suas obras mais recentes, justo por encamparem, consciente ou inconscientemente, o ideário dandista em suas respectivas poesias: Yêda Schmaltz, Hilda Hilst e Renata Pallottini.

Essas três escritoras são lídimas representantes do nosso dandismo feminino, ilustram bem a criação de uma literatura forte, marcante, que visibiliza temas paralelos atuais e comprometidos com a coletividade. Elas trouxeram a poesia feminina para o século XX, colocando-a no centro de um debate que se expande por diversas áreas político-sociais.

Antes, porém, de falar de cada uma delas, quero citar outras quatro poetisas que, anteriormente a elas, tiveram também a coragem e a ousadia suficiente para criarem uma poesia diferenciada da quase totalidade de poética feminina da época, cuja tônica predominante girava em torno da temática romântica, excessivamente sentimental. (mais parecida com diário secreto do que com literatura): Nísia Floresta (Papari/RN, 12 de outubro de 1810 – Rouen/França, 24 de abril de 1885); Colombina (Yde Schloenbach Blumenschein, São Paulo, 26 de maio de 1882 - 14 de março de 1963); Gilka Machado (Rio de Janeiro/RJ, 12 de março de 1893 – 10 de dezembro de 1980); Pagu (Patrícia Galvão, São João da Boa Vista/SP, 9 de junho de 1910 – Santos/SP, 12 de dezembro de 1962; Selene de Medeiros (Seleneh de Souza Medeiros, Salvador/BA, 26 de junho de 1914 – 28 de junho de 1991).

Falando muito resumidamente dessas grandes autoras, Nísia Floresta é considerada a primeira (ou uma das primeiras) educadoras e escritoras brasileiras; lutou pelos direitos das mulheres de estudarem, de trabalharem fora como professoras, de ser menos submissa ao um “destino” que não desejavam. Tão importante foi sua atuação como escritora e professora, que, em 1948, sua cidade natal, Papari, passou a chamar-se Nísia Floresta, em homenagem ao legado cultural deixado por ela.

Colombina: Tão importante em sua época que foi homenageada com o nome de uma rua, no Butantan (São Paulo): Rua Poetisa Colombina. Seu nome de batismo era Yde Schloenbach Blumenschein. Editou, sob o pseudônimo de Colombina, o periódico *Lampião de Gás*.

Gilka Machado – Gilka é considerada às vezes “poeta parnasiana”, às vezes simbolista,

e há quem inclua seu livro *Mulher Nua*, de 1922, no Modernismo. Tida como “matrona imoral” e vítima de preconceito de cor, Gilka foi uma das pioneiras no erotismo no Brasil (apud Casarin, 2017). Também foi uma das fundadoras do Partido Republicano Feminino (em 1910), que defendia o direito das mulheres ao voto, atuando nele também como tesoureira. Um ano antes de sua morte, recebeu o Prêmio Machado de Assis (1979), da Academia Brasileira de Letras. Mesmo assim, morreu muito frustrada com sua carreira literária.

Pagu foi escritora, jornalista e ativista política. Em 1931 participou de uma grande greve de estivadores em Santos (onde morava com o primeiro marido) e foi presa:

Isso fez dela a primeira mulher ativista a ser presa no Brasil desde que o país conquistou a sua independência, em 1822. [...] Ao todo foi presa vinte e três vezes; Seu envolvimento com a greve rendeu críticas a ela por parte do PCB, um primeiro sinal da conturbada relação que ela teria com o partido. Ainda em 1931 [já casada com Oswald de Andrade, desquitado de Tarsila do Amaral], ela e seu marido lançaram a revista *O Homem do Povo*. (Neves. n.p., site Brasil Escola).

Selene de Medeiros formou-se em Arte Dramática e música, foi poetusa, declamadora, conferencista e concertista. Em 1962 realizou encontros com escritores em Leningrado e Praga, e em 1973 foi delegada brasileira na 1ª Conferência Mundial de terapia por Poesia, em Nova York, onde ficou morando durante alguns anos dando espetáculos poéticos.

É necessário esclarecer que não se pode considerar nenhuma delas como poetisas dandistas. Porém, a Poesia Marginal dos anos 70 dificilmente teria acontecido sem o respaldo de movimentos internacionais, como o feminismo, a contracultura (e seu ideário de “é proibido proibir”), os hippies (“faça amor, não faça guerra”), as comunidades rurais, o *black is beautiful*, e tantas outras manifestações de protestos pacíficos; sem essas mulheres, a poesia feminina brasileira provavelmente não teria avançado tão rápido. Elas pavimentaram o caminho que traçamos algumas décadas depois. Ao lermos sobre a vida de Gilka Machado ou Pagu, vemos o alto preço que pagaram por terem sido revolucionárias na poesia e em seus comportamentos sociais. Suas contribuições foram essenciais e, de alguma forma, serviram de exemplo às gerações futuras.

Após esse tributo, esta nossa merecida homenagem especial, podemos fazer uma passagem de tempo em nosso roteiro e voltar a falar das poetisas que mesmo não sendo consideradas como pertencentes à Geração poética de 70 também fizeram a transição entre a poesia excessivamente romântica ou parnasiana das mulheres para um patamar bastante diferente de suas antecessoras.

Cada uma delas tem vasto currículo e todas aliam poesia a um ativismo sociocultural intenso. Suas propostas estéticas não condizem nem com as da Geração 45 (considerada o término do Modernismo, segundo a maioria dos compêndios), nem com as tendências seguintes, talvez por elas não se dedicarem apenas à poesia, tendo repertórios discursivos (portanto intertextuais) mais amplos: Yêda Schmaltz também escreveu contos, ensaios crítico-literários e pertenceu a diversas Academias de Letras; Renata Pallottini enveredou pela literatura infanto-juvenil, foi uma das primeiras roteiristas de televisão, tem livros teóricos sobre o assunto, tendo sido a primeira mulher brasileira a frequentar o curso de Dramaturgia na Escola de Artes Dramáticas da Universidade de São Paulo; quanto à Hilda Hilst, passou a vender nos anos 80 seus livros de mão em mão em bares ou portas de teatro, em uma postura típica dos “poetas marginais” da época. Renata e Hilda surgiram ainda na década de 1950 (Yêda, nos anos 60), mas suas obras poéticas ganharam mais pujança, brilho e novos significados após a Poesia Marginal entrar em cena, como a se verá a seguir:

1. Yêda Schmaltz

Com Yêda Schmaltz (Tigipió/ PE, 8/11/1941, São Paulo, 10/11/2003) mantive intensa correspondência durante longo período e cheguei a conhecê-la pessoalmente em 1985, no Encontro Nacional de Escritores de Goiás, organizado pela União Brasileira de Escritores de Goiânia – minha mesa de debates sobre poesia alternativa/independente tinha o sugestivo título: “Independência ou Morte”. Yêda era uma mulher de atitudes, proativa, dinâmica, interessada em diversas áreas. Brilhava. Transparecia na próprio comportamento dela: inteligente e ousada, como em um poema-perfil dela:

A POETISA

Canto
o prazer e a
esperança, a
loucura e a
liberdade.

Cabelos
soltos
véus
diáfanos
minha
flauta
e minha jarra

De vinho.
Que Deus inventou a
uva E Baco inventou
o vinho com seus
efeitos

(Cabelos
punk eus
de afano
minha
falta
e minha farra.)

Ao coração humano
medroso, dou alegria
e coragem.

Cabelos
soltos
véus
diáfanos
minha
flauta
e minha garra.

(Schmaltz, 1985, p.66)

Realmente, uma poetisa com uma alegria dionisíaca em meio a uma Goiânia dos anos 80, ainda bastante machista e preconceituosa (este era um dos temas recorrentes de suas conversas comigo). Porém o Rio não era muito diferente... o Brasil todo era assim. (Era ou ainda é?...).

Vastíssimo é o currículo de Yêda, vou apenas mencionar alguns poucos dados da intensa trajetória literária dela: membro fundadora do GEN - Grupo de Escritores Novos e da Associação dos Escritores de Goiás; membro do Conselho do IPEHBC, Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, atuou na Diretoria da União Brasileira de Escritores, Seção de Goiás, e ocupou a cadeira nº 1 da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, sendo patrona da cadeira 24 da Academia Goianiense de Letras – o que prova que ter uma literatura conservadora não é requisito obrigatório para ser membro de uma Academia de Letras (mais recentemente, posso citar também, como exemplos, Flávio Machado, na Academia de Letras e Artes de Cabo Frio – ALAF – e Geraldo Carneiro, na ABL). Schmaltz é uma das escritoras goianas com mais obras publicadas: dezesseis, de poesia (*Caminhos de mim* foi o primeiro, em 1965), dois de contos e uma reunião de ensaios.

Há um poema, na minha opinião, no qual Yêda praticamente retrata sua vida inteira em três versos: Este poema chama-se *O Desvio* e está no livro *O Peixenauta*, publicado em 1975. Aliás, este terceto pode muito bem definir – abraçar por inteiro – a própria ação dos poetas da Poesia Marginal dos anos 70. É quase uma declaração de princípios... Ela começa o poema com esta definição:

O DESVIO
(Fragmento)

A mim pouco me importa aberta ou
fechada a porta, eu vou entrar.
(Schmaltz, 1975, n.p.)

Mesmo a produção poética de Yêda da década anterior já apresenta uma brusca mudança no diapasão da imagem idealizada do cotidiano da mulher. O poema abaixo é do seu segundo livro *Tempo de semear* (1969):

BALADA SIMPLES

Vou deixar meus
velhos livros, meus
ideais de poeta,
ilusões da cor do vinho, a
irresponsabilidade
das carreiras
pela chuva, das
madrugadas no
bosque, por
causa do meu
amor.
Vou deixar os
meus colegas de
poemas e
brinquedos,
minha coleção de
selos, minhas
lembranças
guardadas no
fundo de um baú
verde, meus
contos da
carochinha, por
causa do meu
amor.
[...]
Vou fazer cozinhadinho e lavar
roupa na fonte, vou passar sonhos a
ferro e enxugar esperanças,
vou ter filhos mais
bonitos do que as
lágrimas da lua,
vou ficar medíocre e linda, por
causa do meu amor.

(Schmaltz, 1969, p.61-62)

Fica transparente o protesto contra a condição da mulher que precisar anular-se em nome de um amor possessivo e egóico. No entanto, observe como a linguagem se torna muito mais direta neste poema abaixo do seu livro *Baco e Anas Brasileiras*, de 1985 (o próprio título já traz a marca do Dionísio grego, deus transgressor e da desrepressão, inclusive protetor do teatro; em sua versão romana, aparece como Baco o deus do vinho, dos prazeres, dos instintos impulsivos, das loucuras irracionais, das celebrações festivas, orgias e bacanais

distantes do comedido, e das regras austeras – o título também traz como referência a famosa obra de Villa- Lobos, que em sua música exalta a natureza do nosso país; Yêda, em sua poesia, enaltece as mulheres brasileiras, também exuberantemente belas, mas, na época, ainda muito reprimidas em sua sexualidade, e que nunca tiveram sequer a fantasia de se imaginarem tendo prazeres luxúrico de bacantes... Embora a poesia de Yêda seja considerada erótica, o que no fundo ela propõe, neste poema é a liberdade das amarras seculares: destino de escrava doméstica, sem a perspectiva de alforria.

Odisseia

Bolinhos de
chuva com café.
Adoce com cereja.
Uma raça de mulheres
lavando trem de cozinha
e não tomando o trem:
fazendo tricô.
(Uma raça de
mulheres que me dá pena.)
Frango com
angu e quiabo.
Mingau de Maizena.
Uma raça de
mulheres esperando
Godot.

(Schmaltz, 1985, p.97)

Em seu penúltimo livro, Yêda retorna à mitologia (tema recorrente desde Baco e Anas brasileiras), adaptando-o à Pós-Modernidade: agora, para além da acomodação e submissão imposta às mulheres (até na mitologia, como Penélope, “As mulheres de Atenas”, e todas as outras modelos de espera pelos seus maridos heróis), ela vai em busca da androgenia cultural, conduzindo ao questionamento da estereotipia da libido. A androgenia já tinha sido mencionada por Platão em sua obra “O Banquete”, e Yêda busca no livro *A ti, Áthis* a união dos dois sexos em um único ser, completo, pleno. Não se trata de seres híbridos (como faunos, sereias ou vampiros), que não seriam nem totalmente humanos, nem totalmente bestas/animais; e sim de um ser integral que respeitaria suas sexualidades (no plural mesmo), sem ter vergonha de assumi-las em suas totalidades. Remontando-se a um deus mitológico da Grécia Clássica, Yêda transpõe para a contemporaneidade o conceito de que: tão importante quanto o objeto do desejo é o próprio desejo. Os dois personagens a serem enlaçados são a jovem Áthis, cantada nos poemas de Safo de Lesbos, e o Áthis andrógino do mito de Cibele. Juntos, eles questionam os gêneros historicamente construídos, em uma fusão que ocorre em diversos poemas do livro, inclusive neste:

Espera, espera, doce Áthis,
 dá-me apenas um motivo para
 partires meu coração rubro de dor.
 Espera até dezembro, quando a
 chuva então será pretexto e lágrima.
 Mas Áthis mutilou-se em outubro.

(Schmaltz, *apud* Vieira Jr., n.p., site, 2016)

A partir de *Baco e Anas Brasileiras* e *A ti Áthis* (ambos publicados nos anos 80, em 1985 e 1988, respectivamente), evidencia-se nitidamente a diferença de linguagem e de concepção poética de suas obras anteriores. A poesia dos anos 70 revelou uma Yêda Schmaltz muito mais dona de si, confiante, vigorosa, atrevida, transgressora, aprimorando sua ironia e dosando-a com uma crítica contundente à sociedade patriarcal, inclusive com abordagens ligadas à sexualidade ainda muito pouco aceitas naquela época em que imperava a moralidade monogâmica pregada pela TFP, sendo considerada qualquer variante do sexo tradicional (homem-mulher) como desviante. subversiva, imoral anormal, e até doentia.

2. Renata Pallottini

(São Paulo, 20/1/1931 – 8/7/ 2021) Também encontro uma Renata renovada, após a entrada em cena da Poesia Marginal. Conheci Renata devido a algumas amigas em comum. Encontrávamos em eventos em São Paulo, ora poéticos, ora teatrais, e conversávamos bastante nestas ocasiões. Seu primeiro livro data de 1952, “*Acalanto*”, poesia de qualidade, porém ainda sem a “pegada” dos anos 70. Na década de 1965, Renata publicou este belíssimo poema, que já demonstrava a grandeza de sua poesia, em *A Faca e a Pedra*:

O GRITO

Se ao menos esta dor
 servisse se ela batesse nas
 paredes abrisse portas
 falasse
 se ela cantasse e despenteasse os
 cabelos se ao menos esta dor se visse
 se ela saltasse fora da garganta como um
 grito caísse da janela fizesse barulho
 morresse
 se a dor fosse um pedaço de pão
 duro que a gente pudesse engolir
 com força depois cuspir a saliva fora
 sujar a rua os carros o espaço o outro
 esse outro escuro que passa indiferente
 e que não sofre tem o direito de não sofrer

se a dor fosse só a carne do
 dedo que se esfrega na parede de pedra para doer
 doer doer visível

doer penalizante
doer com lágrimas

se ao menos esta dor sangrasse

(Pallottini, 1965, p.140)

Sob o mesmo tema (dor), se compararmos o poema acima com o que transcreverei abaixo (do livro publicado em 2002, na parte intitulada: *Canção do asilo*) vamos observar com linguagem e atitude poética bem diversas, até mesmo pelo desenvolvimento temático conciso:

TÃO PRECIOSA A FÍMBRIA

Tão preciosa a
fímbria da vida que te é
dada que agarras
às felpas às farpas, às fraldas e choras
como a cria
de um animal de rabo.

(Pallottini, 2002, p.121)

São dois tipos do trágicos de narração poética, o segundo muito mais teatral do que o primeiro. Com seu amplo conhecimento de teoria dramática e teledramática, sua poesia dramática tem visíveis elementos de arte cênica. A diferença essencial entre ambos é que no primeiro poema há um grito que não se ouve / que não houve, cuja dor é latente, sem qualquer tipo de cicatrização, e que implode por dentro do ser que a sente; no segundo, muito mais exposta, a dor é também mais analítica, os efeitos da aliteração a tornam menos sentimental e mais tragicamente lírica.

Ainda sobre feridas dolorosas, no mesmo livro *Um calafrio diário*, há outro poema de Renata, cada vez mais minimalista:

DOR MORTA

Nada;
Cicatri
z
cauteriz
ada.

(Pallottini, 2002, p.116)

Do primeiro ao terceiro poema é flagrante a mudança de tratamento estrutural e a própria perspectiva: de início, a dor apresenta-se através de um grito não gritado (e usa-se a primeira pessoa), que pode até ter sido cicatrizada, porém não extinguida totalmente, ainda

está e estará lembrada pelo corpo na visibilidade da marca, O jogo das rimas, através ao corte da palavra que, ao final, ao nada se remete diluída, porém que aparenta estar morta.

Note-se também que não é por mero acaso que estes versos estão na parte denominada “Canção do Asilo” –só que, no poema de Gonçalves Dias, Canção do Exílio, o país é exaltado por sua beleza e abundância de bênçãos (*“Nosso céu tem mais estrelas, / Nossas várzeas têm mais flores, / Nossos bosques têm mais vida, / Nossa vida mais amores”* (2ª estrofe da Canção do Exílio); mas não é dentro desta perspectiva nem deste clima que Renata escreve sobre os asilos de idosos abandonados, em um país cujo sistema político deveria acolhê-los, em vez de isolá-los.

Ainda no contexto da diferença da criação poética em momentos históricos diferentes, eis mais dois poemas em que o cão entra em cena como coadjuvante do enredo. O primeiro, de 1965 (do livro *A Faca e a Pedra*) o segundo, de 2002 (*Um calafrio diário*):

HOMO SAPIENS

Late o cão no cercado porque,
de resto é este seu
recado de besta:
ladrar é o que lhe
resta de sua antiga
história – história
de uma festa onde
foi, por feroz,
o enrugar-se da testa
e o arreganhar do dente,

De repente,
encontra o tiro rouco:
eis que esse cão,
de borco, sangra
brandamente.

Outra besta arreganha
o lábio que amalha as
palavras de sábio.
Homo sapiens armado
desfechou sua fúria
sobre o ser do cercado.

E de sangue
saciado por mor do
seu sossego vai dormir
sossegado.

(Pallottini, 1965, p.138)

A UM HOMOSSEXUAL ASSASSINADO

Adestravas cachorros.
Provavelmente nunca
te morderam.

Hoje estás para sempre debaixo da
terra morto por homens
que adestram demônios.
(Pallottini, 2002, p.62)

É nítida a transformação interna entre ambos, desde a concisão do texto até o modo de abordagem sobre um mesmo tema. Nestes dois poemas sob a perspectiva da interação entre homens e cães: no primeiro, mais extenso, mais verborrágico, a tensão é propositalmente encompridada para torná-la mais intensa; no segundo, descreve-se a ação natural de um animal irracional x a insanidade premeditada de um animal racional; aqui a tensão é compactada para que possa ser mais rápida e em alta voltagem, como em um tratamento de eletrochoque. Sem dúvida, Pallottini conseguiu expressar-se em uma linguagem muito mais dramática e minimalista, depois do convívio com as poetisas dos anos 70.

O último poema que cito aqui de Renata Pallottini consta da parte mais forte de seu livro de 2002, “*A porção de chumbo*”:

ESTUPRO

O primeiro
Foi seu pai

O segundo
Seu irmão
O terceiro
Foi aquele
Que Teresa
Matou com três golpes de faca,
Fugindo depois pra
São João de Meriti.
Onde hoje exerce a profissão de
Caminheira.

(Pallottini, 2002, p.66)

3. Hilda Hilst (Hilda de Almeida Prado Hilst, Jaú, 21 de abril de 1930 – Campinas, 4 de fevereiro de 2004)

Nela, a mudança de linguagem e do processo criativo são mais visíveis ainda so que as poetisas anteriores, chegando à imprecação herética. Porém, antes disso, recuemos um pouco no tempo. Em 1950, Hilda estreia com o livro *Presságio* – o título já indica o caminho ainda um tanto vago iniciado pela autora; nele, a lírica é por vezes filosófica, hermética, reflexiva, sem espantos nem sobressaltos. Porém, já em sua obra *Trajectoria poética do ser*, com poemas de 1963 a 1966, o rumo de sua poesia passa a mudar bastante, como verifica-se neste poema:

MEMÓRIA 8

Ser terra
E cantar
livremente O
que é finitude
E o que perdura.

Unir numa só
fonte O que
souber ser vale
Sendo altura.

(Hilst, 2017, p. 192)

Hilst vai progressivamente afastando-se cada vez mais da poesia serena e contemplativa, até que, em seu livro *“Poemas malditos, gozosos e devotos”* (de 1984), ela escancara sua briga contra Deus, e a partir daí este corpo-a-corpo torna-se um de seus temas demolidores preferidos. Extremamente herege, cinco anos depois (1989), em *Amavisse*, implica e impreca desde a primeira estrofe do poema introdutório na abertura do livro:

Porco-poeta que me sei, na
cegueira, no charco À espera da
Tua Fome, permita-me a pergunta,
Senhor de porcos e homens:
Ouviste acaso, ou te foi familiar
Um verbo que nos baixios daqui
muito se ouve O verbo amar?

(Hilst, 1989, n.p)

Hilda ataca tudo o que pode simbolizar o sagrado, inclusive (e principalmente) investe toda sua veemência no embate contra Deus, o supremo vilão responsável por este mundo imundo. – de podridão, injustiças, misérias. Ser Altíssimo que parece estar totalmente indiferente à raça humana criada por Ele. O livro inteiro segue nesse tom de ferocidade, mesmo nos momentos de lirismo. Na primeira edição, *Amavisse* vem junto, no mesmo volume, com *Via vazia* e *Via espessa* (ambos livros do mesmo ano). Em *Via espessa*, ela argumenta: *“Não percebes, Samsara [...] Que há uma luz que nasce da blasfêmia / E amortece na pena?”*. E com tal justificativa, ela complementa em *Via vazia*:

VIII
Descansa.
O Homem já se fez
O escuro cego raivoso animal
Que pretendias.

(Hilst, 1989, n.p)

Não se trata de agressões gratuitas, como à primeira vista possa parecer, mas de uma profanação sinônima, aqui, de transgressão, de desobediência ao padronizado consentido, como se fosse um grito que estilhaçasse a taça de cristal do silêncio com seu som. Talvez exatamente isso: o avesso do silêncio, o grito primal libertador, o primeiro choro do recém-nascido, o berro que sacode o leitor para vivenciar um mundo menos culpado, afeito a remorsos, castigos e penitências.

Em 2021, a Companhia de Bolso (selo da Companhia das Letras/SP) publica *Amavisse e outros poemas*, homenagem póstuma a Hilst, que já tinha dito: “Não vou publicar mais nada, considero um desaforo o silêncio” (DINIZ, 2012, p. 144) e na apresentação de sua obra completa há a menção de seu livro “*Fico besta quando me entendem*” (DINIZ, 2013, p.105) no qual ela expressa suas queixas mantidas durante toda sua trajetória literária, com relação ao “*silêncio em torno de sua obra – incompreensão da crítica, distância do público e descaso dos editores*” –, fato até compreensível já que se trata de uma obra implacável, devastadora, extremista e um tanto assustadora para a crítica e para o público afeito à poesia convencional. Há momentos na leitura de *Amavisse* que a sinto como uma escritora-kamikaze, com uma bomba em seu peito, sobre o coração.

Das três poetisas citadas, Hilda foi a única que não conheci pessoalmente, uma pena, creio que nos daríamos muito bem. Sei um pouco mais sobre ela através de Urhacy Faustino: no final da década de 1980, os dois saíram várias vezes juntos, para vender seus livros de mão em mão (ela com *Amavisse*, ele com *Nus Anos 80*, publicado em 1988, com prefácio de Rita Lee); ou seja, mesmo não sendo fruto da “Geração 70”, Hilda agiu como se fosse, não só em sua escrita, como também em seu processo de comercialização, levando sua poesia diretamente aos compradores, sem intermediários, em vez de esperar que a achassem (e comprassem) sua obra em alguma livraria.

Noto outro dado bastante significativo: a partir dos anos 90, Hilda escreve sua *Tetralogia Obscena*, composta pelos livros: *O caderno rosa de Lori Lamby* (1990), *Contos d’escárnio – Textos grotescos* (1990), *Cartas de um sedutor* (1991) e *Bufólicas* (1992), esse último, de poesia. Logo de início, evidencia-se a incorporação da teatralização tão típica da geração 70 à obra dela; mais interessante ainda, porém, são os nítidos reflexos da Poesia Pornô (denominação mais tarde ampliada para Movimento de Arte Pornô, e logo depois, para Movimento de Arte Contemporânea) da década anterior. Inclusive o *Caderno Rosa de Lori Lamby*, considerado por tantos como um texto pornô, é o protesto mais inflamado e enfático que alguém já escreveu criticando a situação do escritor no Brasil, até hoje sem legislação que

regule profissionalmente seu ofício. Hilda choca e emociona, profundamente, ao expor o corpo como moeda de troca para financiar os projetos do pai escritor. Como um último elo de ligação, afirmo que Hilda ainda precisa ser descoberta e melhor compreendida também, como muitas poetisas e poetas (Roberto Piva) da Geração 70.

Por fim, acrescentei às autoras anteriormente já mencionadas – Alice Ruiz, Ana Cristina Cesar, Leila Míccolis e Xênia Antunes – outras poetisas: Dairan Lima, Elisa Lucinda, Glória Horta, Ilma Fontes, Mara Senna, Noélia Ribeiro, Réca Poletti, Isabel Câmara, Vange Leonel, Angélica Freitas, Regina Azevedo, Priscila Branco, Bianca Monteiro Garcia, Ana Elisa Ribeiro. No anexo, coloco neste relatório uma mini antologia com algumas delas, como uma espécie mostra de valiosa contribuição da poesia dos anos 70, principalmente a Marginal, que teve a petulância de “escovar a História à contrapelo” (Benjamin, 1994, p. 225), na linguagem de Walter Benjamin, permitindo não apenas ecoarem manifestações de vozes sufocadas pela imposição do silêncio, mas também atuando como fator decisivo de transformação na mentalidade da mulher, emancipando-a de muitas de muitas de suas crenças limitantes, de seu mundo estreito, fazendo com que ela repensasse seus valores e a dimensão de sua importância na participação social e mostrando, aos homens, que elas podiam ser suas aliadas, cúmplices e parceiras, em vez de escravas obedientes e submissas.

No âmbito literário, o grande diferencial da Poesia Marginal dandista feminina dos anos 70 foi assenhorar-se da literariedade que faltava à avassaladora maioria das autoras dos séculos anteriores, conseguindo – façanha épica – que o texto poético definitivamente se emancipasse do colonialismo cultural que fez com que o feminino do substantivo poeta fosse alijado da nossa língua por ser indicador pejorativo de literatura de má qualidade. A poesia marginal dandista dos anos 70 libertou as poetisas da necessidade de serem chamadas de poetas, igualarem-se aos homens, para serem melhor consideradas por eles; no Modernismo, esta estratégia utilizada por Cecília Meireles fazia algum sentido – a este respeito, leia-se o artigo de Juliana Passos, postado no jornal Globo.com, em 2018; agora, porém, depois de tantos anos de luta pela conquista de nossos direitos, não tem cabimento desrespeitarmos nosso belo idioma, passando por cima dele, e nos envergonhando de nosso gênero feminino. Temos orgulho (pelo menos eu tenho!) de sermos poetisas, sem que isto nem de longe esvazie, afete ou desmereça nossa produção literária. Finalizo com um poema que fiz especialmente para concluir este relatório, resumindo o objetivo maior desta minha pesquisa:

Conclusão

Não queremos restringir toda a poesia atual à marginal (a poesia tradicional nunca morrerá – não se preocupem –, nem nossa meta é substituí-la). Só queremos que na lista de espera ela possa ser respeitada e ouvida em vez de enxotada e excluída da fila.

(Miccolis, inédito, 2024)

Bibliografia

ANJOS, Augusto dos. Obra completa. Organização, fixação do texto e notas: Alexei Bueno. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1996.

ANTUNES, Xênia. Parto normal, poesia. Brasília/DF: Edição Pobrás – Poesia Brasileira S/A, 1978 (ed. mimeografada).

_____. Exercícios de amor e de ódio, poesia. Brasília/DF: Ed. da autora, 1980.

_____. Xenia Antunes – Poesia, Prosa & Imagens (blog da autora). Disponível em: <https://xeniaantunes.com/category/poesia/poemas-dispersos/>. Acessado em 25.set.2020.

BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz (orgs.). Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade em torno de Bakhtin. São Paulo: EDUSP, 1999.

BARROS, Fernando Monteiro de. Baudelaire, Byron e Lúcio Cardoso: a flânerie e o dandismo do vampiro. Revista Solettras, Ano III, Nos. 05 e 06. São Gonçalo, Rio de Janeiro: UERJ, 2003. URL: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/4456/3259>. Acessado em 29.jun.2024.

_____. O Decadentismo inglês e o Conde Eric Stenbock. In *Dândis, Estetas e Sibaritas*. Organização: Luiz Edmundo Bouças Coutinho e Latuf Isaías Mucci. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2006.

_____. O “Dandismo” da mulher fria: a cortesã no mito e nas encruzilhadas urbanas da modernidade. In: Estudos Reunidos: Linguagem, Literatura e Estilística, org. José Mário Botelho. Rio de Janeiro: Botelho, 2006.

BAUMMAN, Zygmunt. Modernidade líquida. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. Vigilância Líquida. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BELOTTI, Elena Gianini. Educar para a submissão – O descondicionalismo da mulher. Trad. Ephaim Ferreira Alves, 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política - Ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet, 7ª ed, São Paulo: Brasiliense, 1994.

BHABHA, Homi K. O local da cultura. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 4ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007

BOTTO, Antônio. As Canções de Antônio Botto (Obras Completas). Estudo crítico: Fernando Pessoa. 15e. Lisboa: Edições Ática, 1975.

BRANCO, Priscila. Açúcar. Rio de Janeiro: Macabéa, 2021.

CASARIN, Rodrigo. MACHADO, Gilka. Chamada de matrona Imoral e alvo de racismo. Gilka Machado foi pioneira do erotismo no Brasil. Página 5 (Site: UOL) São Paulo: 3.mar.2017. Disponível em: <https://paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2017/03/03/chamada-de-matrona-imoral-e-alvo-de-racismo-gilka-machado-foi-pioneira-do-erotismo-no-brasil/> Acessado em 13.nov.2023.

CESAR, Ana Cristina. Cenas de abril. Rio de Janeiro. Ed. da autora, junho/julho 1979 (ed. mimeografada).

_____. A teus pés, 2ª ed.. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

_____. A teus pés (com índice onomástico). São Paulo: Ática e Instituto Moreira Salles, 1998.

_____. Poética. Prefácio: Armando Freitas Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. Escritos no Rio. Organização e prefácio: Armando Freitas Filho, Rio de Janeiro/São Paulo: UFRJ Editora e Editora Brasiliense, 1993.

COLOMBINA (Yde Schloenbach Blumenschein): Wikipédia: https://pt.wikipedia.org/wiki/Yde_Schloenbach_Blumenschein . Acessado em: 10 nov. 2023.

COUTINHO, Eduardo. Literatura Comparada: reflexões. São Paulo: Annablume, 2013.

COUTINHO, Luiz Edmundo Bouças. Formas e Truques de um Écrivain-Dandy. In O Labirinto Finissecular e as ideias do esteta. Luiz Edmundo Bouças Coutinho e Irineu E. Jones Corrêa (orgs.). Rio de Janeiro: 7 letras, 2004.

DINIZ, Cristiano. Paris era bom quando eu @\$#!\$... : uma seleção de entrevistas e depoimentos de Hilda Hilst. Dissertação de Mestrado. São Paulo: UNICAMP, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/895001> . Acessado em 10.set.2014.

_____, “Fico besta quando me entendem” – Entrevistas com Hilda Hilst. São Paulo: Biblioteca azul, 2013.

FARRA, Maria Lucia Dal. O artilheiro feminino do pseudônimo: a “Colombina” de Yde Schloenbach Blumenschein. Caderno Pagu, n. 65. 2022 (p.1-14), Núcleo de Estudos de Gênero, área: Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas; Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449202200650011> Acessado em: 27.maio. 2024.

FENSKE, Elfi Kürten (pesquisa, seleção, edição e organização). *Gilka Machado - as múltiplas faces: o desejo, o amor, a angústia e a dor*. In: Templo Cultural Delfos, setembro/2021. Disponível no link: <https://www.elfikurten.com.br/2013/05/gilka-machado-as-multiplas-faces-o.html> . Acessado em 13.nov.2023.

FONTES, Ilma. Rio de Janeiro: Ed. Blocos Online, 1995 / 2009. Disponível em: http://www.blocosonline.com.br/literatura/autor_poesia.php?id_autor=293&flag= . Acessado em 3 nov 2023.

_____. In: Catálogo da produção poética impressa nos anos 90 – vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. Blocos, 1995. Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/arquivos.php?codigo=p98/p980967.htm&tipo=poesia> . Acessado em 4.nov.2023.

_____. In. Saciedade dos Poetas Vivos, vol. 8. (ebook). Rio de Janeiro: Ed. Blocos Online, 2009, Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/poesia/obrasdigitais/saciedigpv/08/capa08.php> . Acessado em 4.nov.2023.

_____. Nervuras – Poesia em carne viva. Aracaju: EDISE – Editora Diário Oficial de Sergipe, 2019. Disponível em: <https://www.segrase.se.gov.br/ecommerce/itens/download/186>, Acessado em 3.nov.2023.

FREITAS, Angélica. Um útero é do tamanho de um punho (Poesia de Bolso). Companhia das Letras, Edição Kindle, 2017.

GARCIA, Adriane. Fábulas para adulto perder o sono, 2ª ed. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2017.

GARCIA, Bianca Monteiro. Breve ato de descascar laranjas. Rio de Janeiro: Macabéa, 2023. HILST, Hilda.

Da Poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2017 (6ª reimpressão).

_____. Amavisse. São Paulo: Massao Ohno, 1989.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. Cultura e participação nos anos 60. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

_____. 26 Poetas Hoje. (org.). Rio de Janeiro: Ed. Labor do Brasil, vol. 1 (ed.de bolso).

IDEIAS, José Antônio Costa. Verbete Decadentismo (2009). E-Dicionário de Termos Literários, coordenado por Carlos Ceia. Portugal. Disponível em: <https://edtl.fesh.unl.pt/encyclopedia/decadentismo> , Acesso em 21.mar.2024.

JAMESON, Frederic. Pós-Modernismo, a lógica cultural do capitalismo tardio. Trad. Maria Elisa Cevalco. Revisão da tradução: Iná Camargo Costa. 2a. ed, 5ª reimpressão. São Paulo: Editora Ática, 2006.

LEONEL, Vange. Dia Duro. Site Blocos Online. Disponível em: <https://www.blocosonline.com.br/literatura/arquivos.php?codigo=p97/p970420.htm&tipo=poesia> . Acessado em 17.dez.2023.

LEVILLAIN, H. O Dandismo. In Argumento – Uma livraria em revista n.9. Rio de Janeiro: Livraria Paz e Terra [2005].

LIMA, Dairan. Vermelho. Goiânia: Pantheon, 2016.

_____. Brinquedo quebrado. Goiânia: Pantheon, 2022.

LYRA, Pedro. Sincretismo – A poesia da Geração 60. Rio de Janeiro e Fortaleza: Fundação RioArte, Topbooks, Fundação Cultural de Fortaleza, 1995.

MACIEL, Maria Esther. Metrópole / Necrópole: a cidade alegoria de Augusto dos Anjos; Teatro de palavras: Mallarmé, Octavio Paz e Fernando Pessoa; Cena viva: poesia e teatro em Fernando Pessoa. In Voo transversal – Poesia, Modernidade e Fim do Século XIX. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Sette Letras/ FALE-UFGM, 1999.

MÁRCIA FERNANDA. Simbolismo. Site Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/simbolismo-caracteristicas-e-contexto-historico/> . Acesso em 21.mar.2024.

MATUOKA, Ingrid. Nísia Floresta: a primeira educadora feminista do Brasil. Reportagem publicada em Educação Integral. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/reportagens/nisia-floresta/>. Postagem em: 21.jun.2017. Acessado em 12.jul.2024.

MEIRELES, Cecília. Viagem (1937). S/I: Ebooks Brasil, dezembro 2000. Disponível em: <http://www.psb40.org.br/bib/b116.pdf> . Acessado em 05.jan.2014.

MELO E SOUZA, Ronald de. Introdução à poética da ironia. In: Revista Linha de pesquisa, ano 1, n.1. Rio de Janeiro: Universidade Veiga de Almeida, out.2000.

MICCOLIS, Leila; Franklin Jorge. Impróprio para Menores de 18 anos, 1976, Natal/RN.

_____. Mulheres da Vida (organização e participação). São Paulo: Editora Vertente, 1978.

_____. Do Poder ao poder – alternativas no jornalismo e na poesia a partir de 1960. Porto Alegre: Tchê!, 1987.

_____. A espinhenta poesia das mulheres da Geração 70. In Revista Confraria do Vento – Arte e Literatura – ISSN: 1808-6276. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, edição maio/junho, 2005.

_____. Passagem de Calabar – Uma análise do Poema Dramático de Lêdo Ivo. (adaptação da monografia de Mestrado/UFRJ. em 2008). Rio de Janeiro: ABL / Topbooks, 2009.

_____. A poética dandista das mulheres da década de 1970 na construção social da igualdade de gênero. Ensaio crítico do pós-doutoramento em Teoria Literária/ Literatura Comparada, sob a supervisão de Eduardo de Faria Coutinho. Rio de Janeiro: UFRJ, Arquivo da Biblioteca José de Alencar, 2014.

_____. Desfamiliares – poesia completa 1965 – 2012. São Paulo: Editora Annablume, 2013 (1ª ed.), 2022 (2ª ed.).

_____. Em poetisa todo mundo pisa – poemas inéditos 2013 - 2022. Rio de Janeiro: Macabéa Edições, 2023.

MICHAL LÖWY, in À contrapelo. A concepção dialética da cultura nas teses de Walter Benjamin (1940); publicado na revista Lutas Sociais, n. 25/26, 2º sem. de 2010 e 1º sem. de 2011, PUC-SP. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18578> Acessado em 7.nov.2023.

MUCCI, Latuf Isaías. Ruína e simulacro decadentista: uma leitura de Il Piacere, de D'Annunzio. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994 p.52 *apud* BARROS, in SOLETRAS, Ano III, N°s. 05 e 06. São Gonçalo, Rio de Janeiro: UERJ, 2003.

MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. Esse um que só o dois inaugura: Alice Ruiz e os anos 1970. Revista de Estudos Feministas, v. 9. Brasília/DF: Labrys – Instituto de Estudo de Gêneros, 2006.

NEVES, Daniel. PAGU. Site: Brasil Escola (UOL). Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/pagu.htm> . Acessado em 10.jun.2024.

PALLOTTINI, Renata, Obra poética. São Paulo: Editora Hucitec, 1995.

_____. Um calafrio diário. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. Poesia não vende. São Paulo: Editora Hucitec, 2016.

PASSOS, Juliana. Cecília Meireles: conheça sete curiosidades sobre a vida da escritora. In: *Revista Galileu* | Cultura (globo.com). Postagem em 2.dez.2018. Disponível em: <https://br29.grepolis.com/game/index?login=1&p=510937&ts=1719896175#> Acessado em 7.julh,2023;

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. Retrato de época – Poesia Marginal Anos 70. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1981.

PESSANHA, Elaine Durrigan Ferreira. Gonzaga Dutra um flâneur brasileiro. São Paulo: USP, 2008. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8146/tde-30092008-173647/publico/DISSERTACAO_ELAINE_DURIGAM_FERREIRA_PESSANHA.pdf Acessado 4 . Acessado em 20.mar.2024.

PINHEIRO NETO, José Elias. Transgressão e afirmação na obra Gangrena de Yêda Schmaltz: uma atividade literária comparativa com o mito de Penélope. II SINALE, Simpósio Nacional de Letras e Linguísticas da Universidade Federal de Goiás. Goiânia: 2011. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/520/o/34.pdf>. Acessado em 03.out.2020.

PORTO, Líria. Sem conhecimento de causa. In: Poesia para mudar o mundo - vol. 3 (antologia - ebook). Org. Miccolis, Leila; Faustino, Urhacy, Rio de Janeiro: Blocos Online, 2015. Disponível em: <http://blocosonline.com.br/literatura/poesia/obrasdigitais/mudarmundo/03/paginas/liria.php>. Acessado em 4.nov.2020.

_____. Cadela Prateada. Guaratinguetá/SP: Penalux, 2016.

- _____. Sem pecado não há salvação. Belo Horizonte/MG. Ed. Miguilim, 2023.
- RIBEIRO, Ana Elisa. Dicionário de Imprecisões Minas Gerais: Impressões de Minas, 2ª ed. 2020.
- _____. Menos ainda. Minas Gerais: Impressões de Minas, 2022.
- _____. Acervo do Projeto Leve um Livro. Postado em 27.jul. 2020. Disponível em: <https://anadigital.pro.br/category/literatura/projetos-especiais/leve-um-livro/> Acessado em 19.jul.2024.
- RIBEIRO, Noélia. Assim não vale. Cajazeiras/PB: Arribaça, 2022.
- _____. Escalafobética. Porto Alegre/RS: Vidrúguas, 2015.
- RUA Poetisa Colombina. Dicionário de Ruas. Prefeitura Governo de São Paulo. Disponível em: <https://dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/historia-da-rua/rua-poetisa-colombina> . Acessado em 10.jul.2024.
- RUIZ, Alice. Navalhanaliga. Curitiba: Edição Zap, 1980.
- _____. Paixão xama paixão. Curitiba: Ed. autora, 1983.
- _____. Poesia pra tocar no rádio. Rio de Janeiro, Editora Blocos, 1999.
- _____. Rio de Janeiro: Portal Blocos Online. Rio de Janeiro: diversas datas. Disponível em: http://www.blocosonline.com.br/literatura/autor_poesia.php?id_autor=93&flag= . Acessado em 3.nov.2020.
- SALGADO, Marcus. A vida vertiginosa dos signos. São Paulo: Editora Antiqua, 2007.
- SEABRA, José Augusto. Fernando Pessoa ou o Poetodrama. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva. 1960.
- SENNA, Mara. Ensaios da tarde. Ribeirão Preto/SP: Editora Coruja, 2012.
- _____. Luas novas e antigas. Ribeirão Preto/SP: Ed. da autora, 2009.
- _____. Vésperas de nada e dias poucos. Inédito. Correspondência pessoal de Leila Míccolis, originais enviados por e-mail, em 6.mar.2024.
- SCHMALTZ, Yêda. Baco e Anas Brasileiros. Rio de Janeiro: Achiamé, 1985.
- _____. O peixenauta. Goiânia: Oriente, 1975.
- _____. Rio de Janeiro: Portal Blocos Online. Rio de Janeiro: diversas datas. Disponível em: http://www.blocosonline.com.br/literatura/autor_poesia.php?id_autor=403&flag Acessado em 3.nov.2020.
- SUSSEKIND, Flora. O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- TRINDAD, Socorro. Uma arma para Maria. Rio de Janeiro: Edições Ponto 8, 1982.
- VASCONCELLOS, Ana Lúcia. Entrevista (com Xênia Antunes). Site Poesia, de Luiz Alberto Machado. Disponível em: <http://www.sobresites.com/poesia/xeniaantunes.html>. Acessado em: 17.abr. 2013.
- VIEIRA JÚNIOR, Paulo Antônio. Baco na poesia de Yêda Schmaltz. Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura / V Seminário Internacional Mulher e Literatura. Brasília: UnB, 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/20009867-Baco-na-poesia-de-yeda-schmaltz.html> . Acessado em 30.out.2020.
- _____. Áthis, Poço em águas vivas em que me banho: a poesia de Yêda Schmaltz. *Revista Estação Literária*, vol. 15, jan. 2016, Londrina/Paraná. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL/vagao/EL15-Art6.pdf>. Acessado na 19 de março de.2023.
- XIMENES, Sérgio Barcellos (editor). Cinco obras completas de Nísia Floresta Brasileira Augusta. Edição do Kindle, 2019.
- WAACK, Eduardo. Ilma Fontes e o jornal O Capital. In: O Boêmio – Cultura Popular Independente e

Evolucionária. Matão/SP, 14.julh.2017. Disponível em:
<https://jornaloboemio.wordpress.com/2017/07/14/ilma-fontes-e-o-jornal-o-capital/>. Acessado em 3.nov.2020.

WILLER, Claudio. Poesia. Jornal Versus, nº 22. São Paulo: junho/julho 1978.

ANEXOS

ANEXO 01 - MICROANTOLOGIA

Eis uma breve amostra da escrita poética feminista dandista brasileira, a partir dos anos 70, e suas manifestações nos dias atuais. Nesta micro antologia, observa-se que anão só o sexo tem relevância – a fala sexualizada é apenas um de seus alvos preferidos; há muitos outros, pois a repressão e o controle continuam arraigados na Modernidade Líquida, atingindo todas as áreas da sociedade, agora com camuflagens e disfarces bem mais sofisticados.

Para não tornar este relatório mais extenso do que já está, não incluí todas as poetisas dandistas brasileiras, apenas algumas; e o critério de seleção que adotei na escolha das poetisas atuais foi o de mostrar as que possuem uma maior recorrência de temas transgressores/desobedientes/insolentes em suas obras (friso: no conjunto de suas obras), no sentido de desacato a normas instituídas que servem principalmente à vigilância, monitoramento e propagandas enganosas, por trás de discursos sedutores. Há muitas poetisas escrevendo belos poemas marcantes, porém o fazem esparsa e esporadicamente. O dandismo poético se caracteriza não por alguns poemas avulsos, bissextos; para caracterizar um poeta ou poetisa em seu contexto, é preciso que haja a presença de certa rebeldia, constante, contínua, em seu protesto contra a alienação, massificação, jargões que de tanto serem repetidos acabam tornando verdades absolutas, discursos paternalistas hipócritas ou manipuladores – tanto nas relações amorosas, quanto nas emocionais ou profissionais. Todas as escritoras a seguir (umas de forma mais transparente/contundente, outras com maior sutileza e ironia), trazem na maior parte de seus escritos esta “marca registrada”, esse constante confronto com o sistema através de seus versos, como que avisando: não pense que você me engana...

As dandistas dos anos 70:

ALICE RUIZ – Curitiba, atualmente residindo em São Paulo. Escritora, compõe letras de MPB, em 2005, seu primeiro CD, o Paralelas, em parceria com Alzira Espíndola; Ao todo,

possui 21 obras publicadas, dentre elas estão: livros, poemas, traduções, canções e histórias infantis. Foi esposa de Paulo Leminski, vivendo com ele de 1968 a 1988. O poema transcrito abaixo é de seu livro. A arte visual é de autoria do poeta e crítico literário Reynaldo Jardim. Esta arte tem diversas interpretações, a minha pessoal é a de um útero, em que o feto, se for menina, nascerá já com muitos preconceitos a enfrentar e superar.



(Ruiz, 1978, n.p.)

ANA CRISTINA CESAR - (Rio de Janeiro, 2 de junho de 1952 – Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1983). Poetisa, crítica literária, professora de literatura tradutora. Em 2016, foi homenageada na Festa Literária Internacional de Paraty. O poema que se segue é de seu livro *Cenas de abril*, edição da autora, 1979, reeditado em 1983, pela Editora Brasiliense, que reuniu seus livros na coletânea intitulada “A teus pés”.

“NESTAS CIRCUNSTÂNCIAS O BEIJA-FLOR VEM SEMPRE AOS MILHARES”

Este é o quarto Augusto. Avisou que vinha.
Lavei os sovacos e os pezinhos. Preparei o
chá. Caso ele me cheirasse. Ai que enjoou me
dá o Açúcar do desejo.

(Cesar, 1983, p. 63).

LEILA MÍCCOLIS – Carioca, atualmente residindo em Cândido Mota, interior de SP, Doutorado e pós-doutorado em Ciência da Literatura (Teoria Literária e Literatura Comparada pelo UFRJ, pós-graduação em Escrita criativa (EAD), pesquisadora e verbetista sobre Poesia Marginal dos anos 70, livros de poesia, prosa e ensaios acadêmicos, também com peças de teatro e novela de televisão (Manchete e Globo).

TRÊS NÚMEROS DE MÁGICA

O espetáculo começa:
faço sair da cartola televisões a cores, automóveis
e imóveis
em 180 prestações.
Depois te serro ao meio no caixão, para salvar-te a seguir:
surges inteiro e pareces tão ileso
que nem dá para notar-se a castração. Por último me cobres –
abracadabra – e volto ao tempo de menina
tirando da vagina objetos contundentes
que fizeram a minha vida
e o meu hímen complacentes.

(Miccolis, 1976, n.p.)

RÉCA POLETTI – Paranaense, de Ponta Grossa, formada em publicidade e propaganda e diretora de projetos qualitativos de pesquisa de mercado. O poema escolhido nesta prevê amostra está inserido em *in Mulheres da Vida* (antologia), org. Leila Míccolis, Editora Vertente, SP.

EU NÃO QUERO MAMAR

Sou ave
de rapina Sou mulher

e sou menina Sou a puta
da esquina Sou vício
de maconha e cocaína Já fui um medo
que quase me assassina

Mas não sou
o que você acha
nem o que me ensina.

(Poletti, *apud* Miccolis, 1978, p.72)

EUNICE ARRUDA – (São Paulo, Santa Rita do Passa Quatro, 15.08.1939 -São Paulo, 21.03.2017. Pós- graduada em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. Prêmio no Concurso de Poesia "*Pablo Neruda*", organizado pela Casa Latinoamericana, em 1974, Buenos Aires, Argentina. Dezesesseis livros sokis publicados, além de dezenas de antologias, Ativista cultural, coordenou vários grandes eventos em São Paulo, inclusive os projetos “Tempo de Poesia/Década de 60” em 1995 e “Poesia 96/97”, promovidos pela Secretaria Municipal de Cultura.

OBSERVANDO

S
i
m

h
á
as horas de trégua

Quando
se afiam
as facas

(Arruda, *apud* Miccolis, 1978, p. 18).

NOÉLIA RIBEIRO - Pernambucana, morou no Rio (onde começou a escrever), em 1972 mudou-se para Brasília, onde se graduou em Letras pela UnB e onde fixou residência. Na capital, trabalhou como professora de Língua Portuguesa, revisora e taquígrafa da Câmara dos Deputados. Ativista cultural, possui no seu canal do Instagram uma live semanal – *A fim de + poesia* – apresentando poetisas e poetas de todo o Brasil; um projeto em torno da nossa poesia contemporânea; O poema que se segue é do livro *Espevitada*, p. 37. Guaratinguetá, São Paulo. Penalux, 20017. Formada em Letras na UnB.

MEU MOVIMENTO

Se o mundo Girasse
Em sentido Horário
Eu teria feito Tudo
Ao contrário

(Ribeiro, 2015, p. 99).

SOCORRO TRINDAD (Maria do Socorro Trindade de Oliveira, Nísia Floresta, 18 de outubro de 1950 – 11 de maio de 2024). Começou sua graduação em comunicação na cidade de Fortaleza e terminou Jornalismo pela UFRJ (viveu no Rio por duas décadas). Escritora, dedicou-se ao jornalismo literário e foi a primeira a Do livro: *Uma arma para Maria*. Rio de Janeiro: Edições Ponto 8, 1982. Esta editora recebeu o nome de uma livraria que a autora teve por alguns anos, em Copacabana, no Rio de Janeiro. Em 1978 implantou, no MAM – Museu de Arte Moderna do Rio –, o Laboratório de Criatividade, o primeiro curso experimental do que hoje conhecemos como Escrita Criativa, cujos objetivos. Entre outros, eram o de desencadear o processo criativo, promover a crítica e a autocrítica (Citei o projeto com mais detalhes em meu livro *Do Poder ao poder*, constante na bibliografia). O poema abaixo é do livro *Mulheres da Vida*, org Leila Miccolis.

TALVEZ

Talvez
destes dias
terríveis que
passamos bêbados
de sangue e não de cerveja,
perdido um do outro
queríamos estar
juntos, talvez
nada mais
reste senão
tu e eu
a te seguir de cidade em cidade.
Espero jamais parar no meio do
caminho e então sentir vergonha
de ter desistido tão
cedo. Se isto ocorrer,
voltarei mais uma vez ao
sangue e não à cerveja,
porque prefiro
morrer de amor
a esquecer-te embriagada.
(Trindad, *apud*, Miccolis, 1978, p. 66).

XÊNIA ANTUNES – (ou XENIA ANTUNES) – Carioca, reside em Brasília desde os anos 60. Além da poesia dedica-se às Artes plásticas, com diversas Exposições já realizadas, e à Fotografia (define-se e assume-se como uma “fotógrafa compulsiva”). Abaixo, poema extraído do blog da autora: Xenia Antunes – Poesia, Prosa & Imagens.

SEXO

Leio o aviso
 que diz
 safe
 sex is hot sex.
 Os meninos e meninas
 que chegaram nestes novos
 tempos foram barrados
 no melhor da festa.
 Olho pra eles com
 ternura mas não vejo
 minha própria juventude transviada.
 (Antunes, s.d., site da autora)

LÍRIA PORTO – Mineira. Nasceu em Araguari, mudou-se para Belo Horizonte, em 1967. e desde 2011 reside em Araxá. Professora primária Seus duas primeiras obras poéticas, *Borboleta Desfolhada* e *De lua* (2009) foram editados em Portugal. No Brasil, seu livro *Garimpo* (2014) foi finalista do prêmio Jabuti de 2015. Em 2023, foi a homenageada no 11º Festival Literário de Araxá – Fliaraxá, 2023, evento no qual lançou seu livro mais recente “Sem pecado não há salvação” (Ed. Mingulin). O poema escolhido está publicado em *Cadela Prateada*. Guaratinguetá/SP: Penalux, 2016. O título desta obra refere-se à lua, este belo planeta fascinante, dos enamorados, místicos e poetas. Na Web colabora com diversos sites e tem um blog intitulado: Tanto mar.

sem conhecimento de causa

quem diz que poesia não tem regras não é mulher escrevi
 poemas com sangue nas coxas
 (Porto, 2015, s.d., site)

arremate

com ele fui muitas
 vaguei pelo mundo
 fui puta, fui santa
 cantei chorei ri
 mas não me arrependo
 :
 enterrei-o vivo.
 (Porto, 2016, p. 28)

DAIRAN LIMA – Nasceu em Dueré, Tocantins. Estudou Letras Vernáculas na Universidade Federal de Goiás. Foi professora de Português e Artes da rede pública municipal de Goiânia, onde reside. O poema escolhido consta do livro: *Vermelho*, (2016), no capítulo A saudade e o delírio. Ilustrações: Marian Cotrim.

XXXI

Suas cartas
 (para
 sempre)
 embrulhadas
 em papel de seda
 na gaveta da memória.

Mas essas
 fotos nuas,
 bombons estragados,
 bilhetes de amor,
 como destruí-los?

(Lima, 2016, p. 62)

VANGE LEONEL – (Maria Evangelina Leonel Gandolfo (São Paulo, 4 de maio de 1963 – 14 de julho de 2014). Cantora, compositora. guitarrista rítmica, jornalista, blogueira, cronista, romancista, dramaturga, sommelier de cervejas, ativista feminista, e LGBT brasileira. Recebeu a comenda OMC, Ordem de Mérito Cultural instituída em 1995, pela lei nº 8.313 de 23 de dezembro de 1991 (artigo 34) e e pelo decreto nº 1.711 de 22 de novembro de 1995, assinados pelo presidente Fernando Henrique Cardoso. O poema Dia Duro consta do site Blocos Online:

DIA DURO

Chegamos em casa cansadas de tanta luta.
 Meus olhos estão vermelhos de pólvora, como
 o crepúsculo, como este fim
 de dia que mais parece o fim do mundo.
 Hoje você me carrega.
 Estou mancando de uma perna e apoio o braço em seus
 ombros. Você me leva prá dentro do quarto e me deita na
 cama.
 Eu quase que apago mas fico olhando pro
 teto. Você me acompanha.
 Meus ouvidos são antenas
 captando ecos de explosões que estraçalham meu
 peito. Não me lembro quantas pontes explodimos,
 quantas barreiras dinamitamos.

Estamos deitadas, quase dormindo,
 mas ainda vestimos armaduras e você acaricia minhas botas.

(Leonel, n.p. Site Blocos Online)

ANGÉLICA FREITAS – Nasceu em Pelotas (RS) Formou-se em jornalismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), residindo alguns anos em Porto Alegre. Mudou-se mais tarde para São Paulo, onde trabalhou como repórter para o jornal O

Estado de S. Paulo e a revista Informática Hoje. Deixou a capital paulista em 2006, iniciando uma série de passagens e residências temporárias em países como a Holanda, a Bolívia e a Argentina. Atualmente, vive em Berlim, Alemanha. O poema escolhido é do livro *Um útero é do tamanho de um punho*.

uma mulher gostava muito
de escovar os dentes
escovava-os com vigor
escovava-os de manhã de tarde e de noite os
três melhores momentos do dia
escovava-os com muita pasta num
movimento circular
alternando as arcadas enquanto
recitava
para dentro para baixo
o sutra prajnaparamita
ou a canção if i had ao
hammer ao cuspir sentia-se
muito melhor

(Freitas, 2017, Ed. Kindle, p. 16).

ADRIANE GARCIA – Mineira, de Belo Horizonte, cursou História na Universidade Federal de Minas Gerais e se especializou-se em Arte-Educação pela UEMG. Além de escritora. É teatroeducadora, dramaturga e escritora com livros de poesia, contos e infantojuvenis. O poema abaixo é do livro *Fábulas para adulto perder o sono* (2017), vencedor do Prêmio Paraná de Literatura em 2013, na categoria poesia. No mesmo ano, a escritora foi curadora do Festival Literário Internacional de Belo Horizonte.

OS TRÊS PORQUINHOS

Decepcionados com
Um mundo onde
Ou você come
Ou é comido
Os três porquinhos
Deliberaram
Sair da pocilga

À noite

Entraram na casa
E assaram os donos:
As maçãs nas bocas

(Garcia, 2017, p. 75)

E O RATO ROEU A ROUPA

Todos viram a roupa
E o rei viu a roupa
(jamais tão bela a tivera antes)

Saiu orgulhoso com seu corpo
Curado de há tanto não ter ilusão
Só uma criança não viu Dessas viciadas em
televisão

(Garcia, 2017. p. 24)

MARA SENNA (Mara Lucia Senna Oliveira Vieira) – Mineira, de Araxá, residindo em Ribeirão Preto, São Paulo, desde 1980. Graduada em Odontologia e pós-graduada em Periodontia pela FORP – USP, tendo exercido a profissão por vinte e cinco anos. Seu primeiro livro, *Luas Novas e Antigas*, é de 2009. A partir desta data, passa a ter uma intensa atividade literária, incluindo vários prêmios literários (poesia e prosa) e mais dois livros: *Ensaio da tarde* (2012) e *Vésperas de nada e dias poucos* (ainda inédito até o momento em que este relatório está sendo elaborado, julho 2024), do qual extraímos o próximo poema:

Repouso

Não estou em mim. Não insista.
Quando eu quiser voltar, de fato,
deixarei uma pista,
uma pegada, um recado, um
lenço na janela, um breve aviso.
Ou até mesmo, posso chegar de improviso.
Respeite a placa de ‘não perturbe’ na porta.
Estou absorta. Não morta.

(Senna, 2024, p. 5)

Segunda infância

Pode parecer tolice,
mas o bicho papão da infância só
ataca na velhice.

(Senna, 2009, p. 30)

PRISCILA BRANCO – Mestra e doutoranda em literatura brasileira, pesquisadora, editora, colunista da revista *Cassandra*, integrante do Núcleo Interdisciplinar de estudos da mulher na literatura (NIELM-UFRJ) e do Grupo de Pesquisa de Mulheres na Edição (CEFET-MG).

nunca controlei meu suor
minhas fezes, minha urina
meu sangue menstrual
os surtos psicóticos
a raiva ao capitalismo
a pulsão da morte
os pelos desgovernados
as unhas rapideiras
a respiração acelerada
o odor do trabalho

já não suporto

o grito controlado a

lágrima domada
o soco parindo um livro inteiro

(Branco, 2021, p. 58)

Porrética
com quantos versos se desfaz um
poema?

(Branco, 2021, p. 73)

BIANCA MONTEIRO GARCIA - Professora, formada em Letras e especialista em Literatura Brasileira pela UERJ, pesquisadora, revisora, editora da Macabéa Edições e da Taioba Publicações, Coministrou a oficina "Literatura e loucura: Maura Lopes Cançado, Lima Barreto e Stella do Patrocínio", na Coart/UERJ. É de 2023 seu livro de estreia, Breve ato de descascar laranjas.

regras da casa

não são permitidos
brincos e piercings
roupas casuais
cadastrar nos tênis
fio dental na nécessaire canetas
lápiz ou lapiseiras palitos
[travesseiros? ok]
banho após as 19h
guardar biscoitos
pra comer fora do horário do lanche
fazer ligação que ultrapasse o tempo
de cinco minutos
fazer mais de uma ligação por semana não
queira desobedecer às regras
já ouviu falar sobre a ala 1?

(GARCIA, 2023, p. 66)

recomendação das veteranas

participe de todas as atividades
não tire sonecas à tarde
não pule refeições
fique menos tempo possível deitada
não peça s.o.s
não questione
feche os olhos sempre que puder não
fique acordada
não denuncie
aguarde a próxima embarcação tenha
disciplina
aso queira alta

(GARCIA, 2023, p. 67)

ANA ELISA RIBEIRO – Escritora (poesia, prosa, e literatura infanto-juvenil), professora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, editora, inclusive coeditando com Bruno Brain, o projeto Leve um Livro, através da Fundação Municipal de Cultura e da Prefeitura de Belo Horizonte, com três temporadas (2015, 2016, 2017), compostas de livros individuais de poetas brasileiros, com tiragem de 2.500 exemplares cada livro e dez poemas de cada autor. Na biografia, inserimos o acervo inteiro dos livros deste grandioso projeto, cuja distribuição era gratuita para o público, que os encontrava em lugares públicos da capital mineira. Do livro: Menos ainda:

carta do velho editor ao colega no séc. XXI

prepara-te,
caro, é muita
pra esconder sob o tapete.
melhor ouvi-las,
numa boa,
que o tapete delas
voa.
(Ribeiro, 2022, p. 10)

crias

quantos livros escreveste?
respondo que perdi a conta e
na verdade sinto vergonha
de escrever tantos livros desconhecidos

do que tratam teus livros?
publicas histórias ou poemas?
respondo que são variados
e sinto vergonha de escrever sobre o que não sei
vives disso?
sinto-me retorcer, mas alegro-me em
dizer que não:
tenho profissão
dessas que todos sabem o que é

ganhas dinheiro com os livros?

calo uma resposta, ao que eles

admitem que os desconhecem e revelo um riso
entredentes
e passo a falar sobre como é difícil criar filhos

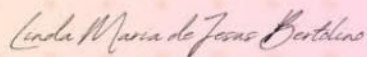
(Ribeiro, 2020, n.p.)

ANEXO 02 - CERTIFICADOS



CERTIFICADO

Certificamos que **LEILA MÍCCOLIS** participou do(a) I Colóquio Internacional de Literatura e Estudos da Linguagem (CILEL) em Evento híbrido - Bacabal, durante o período de 19/06/2024 a 21/06/2024, apresentando o trabalho de título **A MUDANÇA DE PERSPECTIVA DA POSIA SOCIAL PELOS POETAS MARGINAIS DA GERAÇÃO 70, E A CONTRIBUIÇÃO DA ESCRITA CRIATIVA PARA A CRÍTICA LITERÁRIA EM TEMPOS DE MODERNIDADE LÍQUIDA** com carga horária de 30 hora(s).



Profa. Dra. Linda Maria de Jesus Bertolino
(Coordenadora Geral)

Ativa
Acesse



CERTIFICADO

Certificamos que **LEILA MÍCCOLIS** coordenou a seção de Comunicações Orais, do eixo temático “**Estudos de Teorias da Poesia**” no V Encontro Nacional de Ficção, Discurso e Memória - ENAFDM, realizado ONLINE, nos dias 5, 6 e 7 de junho de 2024.


Ma. Jucélia de Oliveira Martins
 Coordenadora geral do V ENAFDM


Dra. Naiara Sales Araújo Santos
 Coordenadora geral do V ENAFDM


Me. Thalita Ruth Sousa
 Coordenadora geral do V ENAFDM





